

O racionalismo estrutural e as fontes da arquitetura moderna brasileira: método, definições e potencial da pesquisa

Marcelo Puppi

Marcelo Puppi é Doutor em História da Arte pela Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne; professor na Universidade Estadual de Londrina; marcelopuppi@uol.com.br

Resumo

A pesquisa tem dois objetivos principais: primeiro, ampliar o conhecimento das fontes da teoria e da prática da arquitetura moderna brasileira e, segundo, contribuir para a consolidação da história cultural da arquitetura no Brasil. Estudar o racionalismo estrutural como fonte da arquitetura moderna brasileira não significa apenas aprofundar o conhecimento já em curso sobre esta última, mas também aplicar o método da história cultural ao estudo da história da arquitetura no Brasil. Pois a pesquisa recente sobre o racionalismo estrutural beneficiou-se do método da história cultural e é parte da nova história da arquitetura do século XIX elaborada a partir de 1990 aproximadamente. Nesse contexto, a própria definição de racionalismo estrutural é ampliada e aprofundada. Ao invés de significar simplesmente uma relação de causa e efeito entre estrutura e arquitetura na qual a estrutura é um dos fins da arquitetura, o racionalismo estrutural passou a ser compreendido como parte da nova concepção dinâmica e orgânica da arquitetura que emerge no século XIX, para a qual, particularmente, a estrutura é o meio capaz de gerar plenamente a unidade orgânica da forma. Nessa perspectiva, demonstrar que o racionalismo estrutural é uma das fontes, e mais precisamente uma das grandes fontes da arquitetura moderna brasileira, permite aprofundar o conhecimento tanto dos pressupostos teóricos quanto das qualidades formais dessa arquitetura. Bem como, conseqüentemente, de questões mais gerais como o método de composição e o papel cultural da arquitetura que interessam hoje e sempre à teoria e à prática da arquitetura.

Palavras-chave: fontes teóricas, arquitetura moderna brasileira, racionalismo estrutural, história cultural da arquitetura.

Abstract

The research has two main objectives: first, expand the knowledge of the sources of the theory and practice of Brazilian modern architecture and, second, contribute to the consolidation of the cultural history of architecture in Brazil. Studying the structural rationalism as source of the Brazilian modern architecture does not only mean to deepen the knowledge already in progress on the latter, but also to apply the cultural history method to the study of the history of architecture in Brazil. For the recent research about the structural rationalism benefited from the cultural history method and is part of the new architectural history of the XIX century, elaborated since 1990, approximately. In this context, the very definition of structural rationalism is amplified and deepened. Instead of simply meaning a relation of cause and effect between structure and architecture in which the structure is one of the architecture's purposes, the structural rationalism is now understood as part of the new dynamic and organic conception of the architecture that emerges in the XIX century, for which, particularly, the structure is the means capable to fully generate the organic unity of the form. In this perspective, demonstrate

that the structural rationalism is one of the sources, and more precisely one of the greatest sources of Brazilian modern architecture, not only permit to deepen the knowledge of the theoretical assumptions, but also the formal qualities of this architecture. As well as, consequently, the more general matters as the composition method and the architecture's cultural role that are relevant today and ever to the theory and the practice of the architecture.

Keywords: *theoretical sources, brazilian modern architecture, structural rationalism, cultural history of architecture.*

Resumen

La investigación tiene dos objetivos principales: primero, aumentar el conocimiento de las fuentes de la teoría y la práctica de la arquitectura moderna brasileña y, segundo, contribuir a la consolidación de la historia cultural de la arquitectura en Brasil. Estudiar el racionalismo estructural como fuente de la arquitectura moderna brasileña no solo significa profundizar el conocimiento ya en progreso, sino también aplicar el método de la historia cultural a la historia de la arquitectura en Brasil. La reciente investigación sobre el racionalismo estructural se benefició del método de la historia cultural y es ahora una parte de la nueva historia arquitectónica del siglo XIX, elaborada desde 1990 aproximadamente. En este contexto, la definición exacta del racionalismo estructural está amplificada y profundizada. En lugar de simplemente buscar una relación de causa y efecto entre la estructura y la arquitectura, en el cual la estructura es uno de los fines de la arquitectura, el racionalismo estructural es ahora entendido como parte de una nueva dinámica y orgánica concepción de la arquitectura que emerge en el siglo XIX, en la que, particularmente, la estructura es el medio capaz de generar completamente la unidad orgánica de la forma. En esta perspectiva, demostrar que el racionalismo estructural es una de las fuentes, y más concretamente, una de las más grandes de la arquitectura moderna brasileña, no solo permite profundizar la información de las suposiciones teóricas, sino también las cualidades formales de la arquitectura. Además, como consecuencia, los asuntos más generales como el método de composición y el papel cultural de la arquitectura tan relevantes hoy y como siempre a la teoría y práctica de la arquitectura.

Palabras-clave: *fuentes teóricas, arquitectura moderna brasileña, racionalismo estructural, historia cultural de la arquitectura.*

Uma questão de método

Postular o racionalismo estrutural como fonte da arquitetura moderna brasileira não constitui somente uma questão de fontes de pesquisa, mas também a questão do como se faz a história. No caso particular, do como se faz e se pode fazer a história da arquitetura moderna brasileira ou, mais geralmente, a história da arquitetura no Brasil.

A historiografia da arquitetura moderna brasileira é bastante jovem, como sugere Abílio Guerra¹, e ainda não se libertou completamente dos preconceitos e das simplificações do passado². Se essa historiografia já deu grandes passos nas últimas três décadas, a pesquisa sempre pode ou deve continuar avançando, tanto para se produzir novos conhecimentos, natural-

¹ Ver Abílio Guerra, "A construção de um campo historiográfico", in: Abílio Guerra (Org.), *Textos Fundamentais sobre História da Arquitetura Moderna Brasileira*, v. 1, São Paulo, Romano Guerra, 2010, pp. 11-22.

² Ver Marcelo Puppi, *Por uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*, Campinas, Pontes/CPHA-IFCH-Unicamp, 1998.

mente, quanto para incorporar novos métodos e novos objetos de pesquisa que contribuam justamente para aprofundar a revisão historiográfica em curso e, por consequência, para superar definitivamente, ou pelo menos cada vez mais, os preconceitos e as simplificações do passado. Nesse contexto, olhar para a arquitetura moderna brasileira a partir do racionalismo estrutural, ou mais precisamente incorporar a história do racionalismo estrutural à história da arquitetura moderna brasileira pode ser duplamente benéfico.

Primeiro porque esta última inseriu-se metodologicamente no contexto da história cultural, a exemplo das pesquisas recentes dedicadas de modo mais geral à história da arquitetura do século XIX³, e produziu um conhecimento capaz de ampliar a compreensão não apenas da teoria da arquitetura do século XIX como também da teoria (e da prática) do século XX. No sentido preciso em que a história cultural do racionalismo estrutural pode revelar aspectos da arquitetura do século XX ainda pouco conhecidos ou mesmo desconhecidos. Segundo porque o estudo comparado de uma e outra permite aprofundar o conhecimento das fontes da arquitetura moderna brasileira, ampliando a pesquisa já iniciada destas fontes e contribuindo para a descoberta de questões que ainda não fazem parte dela, isto é, produzindo novos objetos e novos problemas de pesquisa. Ou, em outros termos, conhecer comprovada e documentadamente o pensamento que a arquitetura moderna brasileira herdou voluntária e involuntariamente do racionalismo estrutural pode aprofundar o que já sabemos, pode revelar um novo ponto de vista de um objeto já conhecido ou mesmo revelar uma arquitetura diferente da que nos acostumamos a olhar. Como é de resto o objetivo do estudo das fontes na história.

Em suma, trata-se não apenas da indispensável pesquisa das fontes, mas também de aplicar o método da história cultural ao estudo da arquitetura moderna.⁴ Uma aplicação que ainda é bastante rara mesmo no plano internacional da pesquisa em história da arquitetura, que pode no mínimo contribuir para diversificar e enriquecer a pesquisa sobre a história da arquitetura moderna brasileira e que tem também o potencial de contribuir para aprofundar o conhecimento da própria história geral da arquitetura moderna.

Das definições

O que é o racionalismo estrutural?

A ampliação da pesquisa das fontes da arquitetura moderna brasileira pressupõe a definição do que é o

³ Sobre a historiografia atual da arquitetura do século XIX, ver François Loyer (Org.), *L'Architecture, les Sciences et la Culture de l'Histoire au XIXe siècle*, Saint-Etienne, Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2001; Marcelo Puppi, "A nova história do século XIX e a redescoberta da dimensão imaginária da arquitetura", *Arquitextos*, n. 058.02, março 2005, http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq058/arq058_02.asp.

⁴ Para a definição do método e dos problemas da história cultural, ver Roger Chartier, *Au Bord de la Falaise. L'Histoire entre Certitudes et Inquiétude*, Paris, Albin Michel, 1998, e particularmente o capítulo "Le monde comme représentation", pp. 67-86. Em linhas gerais, a história cultural substitui a história social da cultura pela história cultural do social.

racionalismo estrutural. Mas antes de apresentar o que ele é, é indispensável dizer o que ele não é. Primeiro, racionalismo estrutural não significa subordinar ou reduzir a arquitetura à estrutura. Na melhor, quer dizer, na pior das hipóteses se afirma a igualdade dos termos, ou dos princípios da estrutura e da forma. É o caso mais conhecido de Viollet-le-Duc para quem estrutura e forma devem se confundir formando uma unidade indissociável e indistinguível, no sentido em que não se pode, nessa unidade, identificar o que pertence a uma ou a outra. Aos olhos de Viollet-le-Duc, a estrutura gótica exemplifica precisamente essa unidade que confunde estrutura e forma confundindo também, pode-se acrescentar, o observador. Razão pela qual, sempre para o teórico francês, a arquitetura gótica deve servir como fonte de inspiração para os arquitetos contemporâneos (do seu tempo), não por imitação, mas nos seus princípios. Entretanto, e justamente, defender que estrutura e forma devem se confundir não quer dizer que a arquitetura se submeta à estrutura. Para ele, como também para seu arquirrival Léonce Reynaud, a forma deriva sim da estrutura, mas está já é uma outra história, pois derivação não estabelece nem implica subordinação.

Segundo, e conseqüentemente, o racionalismo estrutural não afirma a primazia da técnica. Defender a incorporação, ou reincorporação da técnica tanto no objeto construído quanto no processo de concepção da arquitetura não equivale nem necessariamente nem predominantemente a subordinar a forma à estrutura. Equivale sim a atribuir à forma um fundamento racional, daí o nome racionalismo; mas, igualmente, atribuir fundamento racional à forma é uma coisa, conceder primazia à técnica é outra coisa. No racionalismo estrutural, o fundamento racional da forma é um meio para inserir a arquitetura no contexto da época (o século XIX é ou já foi definido como o século da ciência — embora também seja mais do que isso) tornando-a novamente capaz de interagir com a sociedade à qual ela pertence. A forma deve ser racional para que a arquitetura torne-se dinâmica e possa exercer uma ação ativa sobre a sociedade, uma ação distinta e mais elevada que a técnica e que a ciência. Não para deixar de ser arquitetura, isto é, de ser forma. Porém, isto já é o que é o racionalismo estrutural, não ainda o que ele não é.

Por fim, e justamente, o racionalismo estrutural não põe em questão a natureza estética da arquitetura, nem muito menos se opõe a ela. Para se defender das acusações de sectarismo medieval, o próprio Viollet-le-Duc se dedica a valorizar indiretamente a di-

mensão estética nos seus *Entretiens sur l'architecture* no qual o refinamento artístico dos templos gregos rivaliza com as proezas estético-estruturais das catedrais góticas. No outro extremo, Léonce Reynaud que formou-se engenheiro, que exercia a profissão de engenheiro e que não se distingue pela clareza dos seus escritos, declara explicitamente que a arte está acima da ciência e que, conseqüente e implicitamente, a arquitetura está acima da engenharia. Para Reynaud, nem a arquitetura se confunde com a engenharia, nem a forma se confunde com a estrutura (ao contrário portanto de Viollet-le-Duc). Nunca é demais lembrar que, além de ser o século da ciência, o século XIX é também o século do romantismo e da redescoberta da dimensão estética, não somente no plano da arte, mas igualmente e sobretudo no plano do conhecimento. Um século contraditório em suma, para o prazer dos espíritos contraditórios a exemplo de Reynaud e de arquitetos contemporâneos como Labrouste e Vaudoyer que foram seus colegas quando ele frequentou a *Ecole des Beaux-arts* na segunda década do século XIX. Podemos enfim chegar ao que é o racionalismo estrutural.

Na sua definição mais geral, o racionalismo estrutural é uma nova concepção orgânica e dinâmica da arquitetura, que visa inseri-la na cultura de seu tempo e torná-la novamente capaz de interagir com a sociedade à qual ela pertence. Nestes termos, a definição é comum ao historicismo romântico que lhe é contemporâneo e com o qual, conseqüentemente, ele tem grandes afinidades (não é por acaso que um arquiteto como Henri Labrouste é considerado ora racionalista, ora historicista romântico). Com a grande diferença que, no racionalismo estrutural, a estrutura é justamente o meio através do qual a arquitetura pode tornar-se orgânica integrando-se plenamente à cultura da época e exercendo uma ação ativa sobre o público. No contexto da cultura romântica da qual emerge o racionalismo estrutural, a estrutura é concebida como um organismo indivisível, no sentido propriamente físico de constituir um conjunto de partes que dependem umas das outras e que se encontram em estado de equilíbrio. Por sua vez, enquanto organismo, a estrutura é o meio através do qual a arquitetura, ou seja, a forma pode tornar-se ela mesma orgânica. A estrutura constitui assim a fonte da arquitetura, ou precisamente a fonte da unidade orgânica da arquitetura. Enquanto fonte, a estrutura não precisa necessariamente estar presente, ou visível, na arquitetura. Se, para Viollet-le-Duc, estrutura e forma devem permanecer visíveis se confundindo, para Reynaud a forma nasce da estrutura mas a estrutura desaparece.

ce na forma, permanecendo apenas em estado vestigial. Isto em menor ou maior escala, segundo exemplificam as três ordens gregas que se organizam do mais ao menos vestigial e segundo o caráter que se quer atribuir à obra. Como engenheiro, e como um engenheiro que adquiriu um amplo conhecimento das ciências de sua época, das exatas às biológicas, Reynaud considerava que a unidade científica, ou racional da estrutura era incompleta, no sentido em que, ainda que toda estrutura constitua necessariamente um conjunto indivisível, a natureza orgânica da própria estrutura raramente é visível a olho nu. Para ele, somente a arte tem a capacidade de gerar uma verdadeira unidade orgânica, isto é, uma unidade orgânica completa e visível, completando mas indo além, e mesmo muito além, da unidade físico-matemática da estrutura. Se a estrutura é a fonte da arquitetura, esta por sua vez, nas suas palavras, é um ser que cabe ao arquiteto imaginar e criar. Razão pela qual, para Reynaud, a arte está além e acima da ciência, assim como a forma está além e acima da estrutura.

Para se compreender o racionalismo estrutural, é preciso portanto saber, primeiro, que ele se insere ou deriva da cultura romântica da primeira metade do século XIX, isto é, que o racionalismo estrutural é uma teoria (da arquitetura!) que pertence ao contexto da cultura do século XIX e, segundo, que para ele a estrutura é um meio, não o objetivo nem muito menos o fim da arquitetura. Se, como vimos, existem grandes diferenças entre os dois maiores teóricos racionalistas franceses do século XIX, e se o arquiteto Viollet-le-Duc desaprova as prerrogativas da arte defendidas significativamente pelo engenheiro Reynaud, ambos os dois buscam princípios ou métodos capazes de tornar a arquitetura orgânica, ao invés de pura e simplesmente valorizar a estrutura. A definição mais simples, ou mais prática do racionalismo estrutural como estrutura ornamentada somente adquire todo seu sentido dentro desse contexto, que era suficientemente evidente para os contemporâneos, mas que não o é mais absolutamente aos olhos de outra época e de outra cultura.

Qual Arquitetura Moderna Brasileira?

Em tempos de arquiteturas no plural, propor o racionalismo estrutural como fonte da arquitetura moderna brasileira, no singular, pede uma breve explicação. Que a arquitetura moderna no Brasil engloba manifestações distintas e uma grande variedade de formas, é conhecido e evidente. Mas sabe-se também que a variedade não exclui a unidade e que ela é justamente

⁵ Sobre o princípio da unidade na variedade na cultura do século XIX, ver Marcelo Puppi, *La Dimension Culturelle du Rationalisme Structural. Architecture, histoire et utopie chez Léonce Reynaud, Fernand de Dartein et Auguste Choisy*, Tese de Doutorado, Paris, Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2013, pp. 91-134.

uma das formas de enriquecer a unidade; ou, na terminologia da própria teoria da arquitetura, de torná-la complexa e contraditória. Razão pela qual a arquitetura, nas suas grandes manifestações, sempre se caracterizou tanto pela unidade quanto pela variedade ou, na definição mais precisa e mais penetrante do século XIX, pela “unidade na variedade”⁵. Eis justamente porque o racionalismo estrutural, que defendia e valorizava ao mesmo tempo a unidade e a variedade e que abrange ele próprio princípios distintos e mesmo opostos enquanto teoria da arquitetura, também pode ser definido e nomeado no singular. As qualidades já conhecidas e reconhecidas da arquitetura moderna no Brasil permitem afirmar que ela faz parte dessa regra, não das exceções.

Entretanto, na historiografia atual da arquitetura moderna no Brasil tudo se passa como se a descoberta da pluralidade excluísse a unidade e, conseqüentemente, a pesquisa das fontes que permitam compreender o porquê da unidade (entre outras coisas, naturalmente). Ou, pelo menos, como se a redescoberta da pluralidade menosprezasse a unidade identificando-a a uma visão ultrapassada da história. Nesse sentido, a historiografia atual comete o mesmo pecado que a precedente, substituindo tão somente (no método, não na quantidade de informação) o extremo da unidade pelo extremo oposto da pluralidade. Ou unidade, ou pluralidade. Mas os dois extremos sugerem haver tanto a história da unidade quanto a da pluralidade na arquitetura moderna do Brasil, e isto independentemente dos pontos de vista de um e de outro. Nem uma história no singular, nem uma história no plural. Uma história do singular e do plural tudo ao mesmo tempo.

Pode-se mesmo dizer que, embora pouco reconhecida, essa história da unidade e da pluralidade já existe, ou já começou. Refiro-me à história e à cronologia da arquitetura moderna brasileira exposta e proposta por Carlos Eduardo Comas no conjunto dos seus estudos seminais e finíssimos sobre o assunto. Em linhas gerais, para o que interessa aqui, essa história compreende um grande período inicial que se caracteriza pela unidade e um período posterior que nasce da, ou a partir da perda dessa unidade. Do ponto de vista cronológico, a unidade corresponde ao período 1930-1960 e, a partir de então, “para bem ou para mal, a unidade está perdida e é sem volta” (COMAS, 2002, p. 237); época que, se vejo bem, pode-se chamar de pluralidade. Nessa história una e plural ao mesmo tempo, o período da unidade é justamente nomeado arquitetura moderna brasileira, no singular.

O potencial

Teoria

A identificação das fontes teóricas da arquitetura moderna brasileira e a análise comparativa dos escritos constitutivos do racionalismo estrutural e da arquitetura moderna brasileira é a contribuição mais evidente da pesquisa. Aqui igualmente o objetivo não é reescrever essa história mas continuar e aprofundar um trabalho já em curso, exemplificado igualmente pelos estudos fundamentais de Carlos Eduardo Comas. Por sua vez, as comunicações reunidas na sessão "O Racionalismo Estrutural e as fontes da Arquitetura Moderna Brasileira: teoria, história e imaginário", coordenada pela autor no IV ENANPARQ, dedicam-se a verificar de ângulos distintos e de maneiras distintas as relações teóricas existentes entre um e outro, e têm em comum demonstrar, direta ou indiretamente, que o racionalismo estrutural constitui de fato uma das grandes fontes da arquitetura moderna brasileira⁶.

O conhecimento do racionalismo estrutural enquanto uma nova teoria da arquitetura (do século XIX) e a demonstração que ele constitui uma das grandes fontes da concepção da arquitetura moderna brasileira (e dos escritos que a fundamentam) podem contribuir para se esclarecer ainda mais sua teoria e sua prática. No sentido em que a arquitetura moderna brasileira se propõe ou, por ora, sugere se propor a pôr em prática os grandes princípios teóricos do racionalismo estrutural, e que parte de suas melhores qualidades formais decorrem desse propósito. Uma hipótese que, se demonstrada, contribuiria para explicar também a unidade existente por trás da grande diversidade de formas, ou precisamente da materialização formal da arquitetura moderna brasileira. Entre muitas outras coisas, como por exemplo a natureza ao mesmo tempo orgânica e contraditória, isto é, dupla ou ambivalentemente contraditória dessa arquitetura, da qual emerge igualmente seu encanto⁷. Bem como o potencial cultural que ela sutil e implicitamente reivindica, isto é, o potencial, ou função, no sentido propriamente orgânico, de exercer uma ação ativa sobre o pensamento do público.

História

A segunda grande contribuição da pesquisa diz respeito ao modo como o pensamento do racionalismo estrutural se transmitiu à arquitetura moderna brasileira. Pois, se do lado do racionalismo estrutural há artigos, livros, dicionários e tratados que se pode in-

⁶ Ver Anais do IV ENANPARQ, Porto Alegre, 25-29 jul. 2016 [recurso eletrônico]/ Organização: Cláudia Costa Cabral, Carlos Eduardo Comas. – Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2016.

⁷ Sobre o encanto da contradição, ver justamente Carlos Eduardo Comas, "O encanto da contradição: Conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer", *Arquitextos*, texto especial 011, setembro de 2000, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arc000/esp011.asp>.

titular de escritos teóricos e que formam um corpo teórico suficientemente vasto e completo, do lado da arquitetura moderna brasileira não há o que se poderia chamar de teoria da arquitetura. Salvo, como se sabe, alguns escritos fundamentais porém raros de Lucio Costa que decorrem com toda evidência de um pensamento fundamentado e elaborado mas que expõem somente os argumentos principais ou mais urgentes do teórico. Mesmo em Lucio Costa, os escritos de caráter histórico são mais numerosos que os poucos escritos de natureza teórica.

Se hoje pode-se lamentar que Lucio Costa nos privou de conhecermos todo seu pensamento, o modo como ele próprio o expunha nos revela muito do como ele concebia o papel da teoria na arquitetura. Para ele, a teoria não se transmitia exclusivamente nem principalmente através da razão argumentativa do autor e da pura inteligência do leitor, mas na forma muito mais sutil e incisiva do relato histórico. Ou do relato aparentemente histórico que transmite nas entrelinhas uma teoria que se destina não a convencer pela razão mas a persuadir pela imaginação, uma imaginação de natureza teórica mas que se alimenta das bases mais profundas do pensamento, isto é, de um imaginário. Em outros termos, Lucio Costa expunha predominantemente a teoria na forma de história (da arte, da arquitetura e da civilização), ou mais precisamente concebia a história como teoria da arquitetura⁸.

⁸ Sobre a história como teoria da arquitetura, ver Marcelo Puppi, *La Dimension Culturelle du Rationalisme Structurel. Architecture, histoire et utopie chez Léonce Reynaud, Fernand de Dartein et Auguste Choisy*, op. cit., pp. 386-475; Marcelo Puppi, "Do século XIX ao XX. O papel da história na representação e na prática da arquitetura", 19&20, v. VII, n. 2, abril/junho 2012, http://www.dezenovevinte.net/artedecorativa/mpuppi_representacao.htm.

A cultura romântica do século XIX favorecendo a transmissão do pensamento na forma do relato histórico, os arquitetos e teóricos da arquitetura do século XIX não hesitaram em se apropriar dele para a difusão da sua teoria da arquitetura. No racionalismo estrutural, particularmente, o relato histórico tornou-se um dos meios privilegiados para a disseminação da teoria. Mesmo quando se tratava de escritos de natureza teórica, isto é, de uma argumentação dirigida à razão, eles eram acompanhados ou completados com um relato histórico ilustrativo, ou persuasivo. Isto se aplica tanto a Viollet-le-Duc quanto à Reynaud, mas mais a Reynaud que a Viollet-le-Duc, para nos limitarmos aos exemplos dados acima. Não por caso, para Reynaud e para seus alunos e discípulos Fernand de Dartein e Auguste Choisy o relato histórico é capaz de exercer uma ação muito mais poderosa, profunda e duradoura sobre os arquitetos que o escrito teórico. Isto porque ele é capaz de atingir diretamente o imaginário do público, transmitindo por sua vez todo um imaginário, ao invés de somente uma teoria. Mas esta já é a terceira grande contribuição que a pesquisa pretende dar ao estudo da arquitetura moderna brasileira.

Imaginário

A dimensão imaginária da arquitetura é a contribuição menos evidente, mas não menos importante da pesquisa. Para os arquitetos do século XIX em geral, e para o racionalismo estrutural em particular, a dimensão imaginária é fundamental tanto para a própria definição da arquitetura quanto, principalmente, para seu processo de concepção. Para Reynaud que abraçou a cultura romântica e o pensamento saint-simoniano, o ser que cabe ao arquiteto criar nasce da sua imaginação e fala diretamente à imaginação do público⁹. Uma imaginação criadora que, por sua vez, pode-se acrescentar, deriva de um imaginário materializando e transmitindo justamente esse imaginário. Se a dimensão imaginária tem um papel menor, ou talvez seja apenas menos evidente em Viollet-le-Duc, ela é igualmente relevante para alguns dos grandes representantes da arquitetura do século XIX como, no mínimo, Vaudoyer e Labrouste que têm muito em comum com Reynaud.

Mas é o racionalismo estrutural, ou Reynaud particularmente quem eleva plenamente a arquitetura ao plano do imaginário atribuindo-lhe a capacidade ou o poder de representar formalmente um novo pensamento, isto é, de materializar uma representação intelectual, e de convidar o público a descobrir e a se apropriar de uma nova representação da realidade. Ele jamais o afirmou na forma direta e discursiva da teoria da arquitetura, mas ele o revela indireta e implicitamente na forma persuasiva do relato histórico e da composição arquitetônica¹⁰. Eis novamente porque, como dito acima, o relato histórico é o meio privilegiado de ensinar a teoria da arquitetura, para ele como para a maioria de seus contemporâneos. Quanto à dimensão imaginária da composição, o próprio Reynaud dedicou-se a experimentá-la na prática em seus raros trabalhos de arquitetura que, com toda evidência, eram por ele considerados precisamente criações experimentais. Seu projeto mais conhecido, o Farol de Bréhat que ele mesmo valoriza e reproduz em seu *Traité d'Architecture*, pode ser compreendido como a materialização formal de uma nova representação da realidade, ou ainda como uma obra de arte que se alimenta de um imaginário para disseminá-lo despertando e tocando a imaginação do público¹¹.

Em suma, para Reynaud e para seus discípulos diretos e indiretos, a arquitetura não somente pertence inteiramente ao plano da cultura como, principalmente, é capaz de elevar-se e de elevá-la ao patamar mais alto da criação humana. A exemplo do seu Farol de

⁹ “[L’architecture] est l’art de projeter et d’élever des édifices destinés non seulement à satisfaire aux besoins physiques des hommes, mais encore à parler à leur imagination” (Léonce Reynaud, “Architecture”, *Encyclopédie Nouvelle*, t. 1, Paris, Librairie de Charles Gosselin, 1836, p. 770).

¹⁰ Sobre a dimensão imaginária na história da arquitetura, ver igualmente Marcelo Puppi, *La Dimension Culturelle du Rationalisme Structural. Architecture, histoire et utopie chez Léonce Reynaud, Fernand de Dartein et Auguste Choisy*, op. cit., pp. 386-475.

¹¹ Sobre a dimensão imaginária no farol de Bréhat, ver Marcelo Puppi, “L’imagination des phares chez Léonce Reynaud”, *Livraisons d’histoire de l’architecture*, v. 24, dezembro 2012, pp. 63-83.

Bréhat que se ergue em direção ao céu infinito elevando igualmente o espírito e apontando para um pensamento e para uma forma de organização social mais altos, mais complexos e mais potentes.

Como não reconhecer que esta é uma das fontes do pensamento do Lucio Costa e uma das, senão a grande fonte das composições da arquitetura moderna brasileira? Eis o que se pode, e mesmo se deve demonstrar nessa história. Não somente para se compreender melhor a fonte de inspiração de obras que, várias delas, pertencem ao conjunto das mais elevadas criações arquitetônicas e culturais do século XX, mas também para continuarmos o trabalho de redescobrir hoje no Brasil o que é e como se faz arquitetura.

Referências

- CHARTIER, Roger. *Au Bord de la Falaise. L'Histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.
- COMAS, Carlos Eduardo. "O encanto da contradição: Conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer". *Arquitextos*, texto especial 011, setembro de 2000, <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp011.asp>.
- COMAS, Carlos Eduardo. "Moderna (1930 a 1960)". In: MONTEZUNA, Roberto (Org.). *Arquitetura Brasil 500 anos*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002, v. 1.
- GUERRA, Abílio (Org.). *Textos Fundamentais sobre História da Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo: Romano Guerra, 2010, v. 1.
- LOYER, François (Org.). *L'Architecture, les Sciences et la Culture de l'Histoire au XIXe Siècle*. Saint-Etienne: Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2001.
- PUPPI, Marcelo. *Por uma História Não Moderna da Arquitetura Brasileira*. Campinas: Pontes/CPHA-IFCH-Unicamp, 1998
- PUPPI, Marcelo. "A nova história do século XIX e a redescoberta da dimensão imaginária da arquitetura". *Arquitextos*, n. 058.02, março 2005, http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq058/arq058_02.asp.
- PUPPI, Marcelo. "Do século XIX ao XX. O papel da história na representação e na prática da arquitetura". 19&20, v. VII, n. 2, abril/junho 2012, http://www.dezenovevinte.net/artedecorativa/mpuppi_representacao.htm.
- PUPPI, Marcelo. "L'imagination des phares chez Léonce Reynaud". *Livraisons d'histoire de l'architecture*, v. 24, dezembro 2012, pp. 63-83.
- PUPPI, Marcelo. *La Dimension Culturelle du Rationalisme Structurel. Architecture, histoire et utopie chez Léonce Reynaud, Fernand de Darstein et Auguste Choisy*. Tese de Doutorado. Paris: Universidade de Paris 1 Panthéon-Sorbonne, 2013.